# A FICÇÃO DA FICÇÃO EM
# O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS

**Juril do Nascimento Campelo**
Professora livre-docente em Literatura Portuguesa na UFPR.

**RÉSUMÉ**

La fiction de la fiction dans "O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS.

Le roman de José Saramago "O Ano da Morte de Ricardo Reis est la seule publication dans le genre parmi les nombreux hommages à Fernando Pessoa à l'occasion du cinquantième anniversaire de sa mort.

Le lecteur de ce livre subit la difficulté de l'acceptation d'un personnage doublement faux, installé dans un cadre extrêmement réel: le Portugal de 1936. Comme l'irréalité de Ricardo Reis préexiste au roman, parce qu'il s'agit de l'un des hétéronymes de Fernando Pessoa, la lecture est à chaque moment ménacée par la rupture du pacte de l'illusion. Cependant la qualité du texte et, paradoxalement, la densité de l'irréal, transforment la lecture dans un plaisir tourné vers le réel.

À medida que 1985 se aproximava, ensaístas e críticos, na sua maior parte ligados ao ensino universitário, mais uma vez se debruçavam sobre a obra de Fernando Pessoa para dela extrair novos elementos de análise e reflexão. Tratava-se de enriquecer a já extensa fortuna crítica do poeta, no cinqüentenário de sua morte. Enquanto isso, em um trabalho mais solto, mas também insidioso e rico, poetas retomavam Fernando Pessoa, fazendo com que uma onda de temas pessoanos e intertextualidades de maior ou menor grau de explicitação, assomassem à produção lírica de expressão portuguesa.

E a ficção? Exaustivamente tratado pela crítica e pela poesia, o tema pessoano resistia inabordado no vasto campo da narrativa de ficção. Preencheu-se a lacuna, com a publi-

cação, em 1984, às vésperas dos eventos do cinqüentenário da morte do poeta, do romance de José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Segundo o autor, este é um romance que "ficciona a ficção". Em entrevista o Francisco Vale ao *J.L. jornal de letras, artes e idéias*, de 30 out. 84, José Saramago descortina ao futuro leitor a gênese e as possibilidades da obra. Afirma que o heterônimo Ricardo Reis convive com ele desde os 19 anos, a partir da leitura dos poemas na revista *Atena*. E prossegue: "(...) à medida que os dias iam passando fui tendo em relação a Ricardo Reis um sentimento ambivalente. Por um lado, irritava-me aquele desprendimento do mundo, das coisas e das pessoas, aquele amor que não chega a ser por que não se realiza nunca. Mas por outro lado fascinava-me o rigor, a expressão medida, mesmo que o verso tivesse de ser violentado. Fascinava-me o ele ser senhor da palavra em vez de ser esta que o influenciava a ele". O autor comenta, em seguida, que esse sentimento talvez fosse insuficiente para gerar *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Recorda que em 78 é que lhe surgiu, repentinamente, a idéia do livro, já com o título. Não escrevera ainda *Levantado do Chão*, nem publicara o *Memorial do Convento*.

Surgira-lhe a idéia de fazer Ricardo Reis, regressar a Lisboa nos últimos dias de 1935. Respeitando um traço configurativo, imposto à personalidade do heterônimo por Fernando Pessoa, Saramago conserva-o contemplativo e distante, incapaz de se imiscuir no torvelinho de ações que vive o Portugal (e a Europa) de 36; Carmona inaugura uma exposição homenageando Mousinho de Albuquerque, as tropas de Mussolini avançam na Etiópia, na Espanha vive-se o prelúdio da guerra civil, na Alemanha, Hitler ascende ao Poder e o Zepellin cruza os céus de Portugal. Esses, e outros fatos, Saramago coloca nos jornais que Ricardo Reis folheia, na boca dos emigrados espanhóis do Hotel Bragança e nos personagens que verdadeiramente agem à volta do heterônimo. Essa atitude impessoalmente distante faz com que o plano principal, justamente o do espaço destinado a Ricardo Reis, seja o mais irreal, o menos concreto. Planos e personagens secundários, como o da amante-criada-de-hotel, Lídia, o da enamorada Marcenda e de seu pai, e o do gerente e demais criados do hotel parecem ativamente mais relevantes, porque imbricados numa realidade social, da qual Ricardo Reis tem apenas notícia. Toda a ação do livro está além de Ricardo Reis que não faz mais que dar curso à ética presente em sua poesia. Por isso o leitor, mesmo que perturbado pela inação do personagem, aceita a conformidade da personalidade do personagem de ficção com o ser que o heterônimo pessoano expressa em sua poesia. Nenhum deslize, nenhuma extravagân-

cia é cometida por Saramago. Ricardo Reis é o homem-poeta assumido. Veja-se, por exemplo, esta auto-análise, pg. 48: "Sou eu, sem nenhuma ironia, sem nenhum desgosto, contente de não sentir sequer contentamento, menos ser o que é do que estar onde está, assim faz quem mais não deseja ou sabe que mais não pode ter, por isso só quer o que era seu, enfim, tudo. (...) Aos deuses peço só que me concedam o nada lhes pedir..." Na serenidade com que se reconhece, reconhecemos o poeta das odes, o discípulo dos sábios.

Quando Saramago afirma que neste livro "nada é mentira e nada é verdade", reforça nossa reflexão sobre o limite entre o real e o imaginário, cerne de toda a ficção. De fato, a discussão é antiga, mas talvez nunca tenha se evidenciado tão claramente quanto na proposta deste livro. Na entrevista já citada, Saramago declara: "Mas o que gostaria é de ter criado um estado de fusão entre eles (o real e o imaginário) de modo que a passagem de um para o outro não fosse sensível para o leitor, ou o fosse tarde demais — quando já não pode dar pela transição e se acha já num lado ou no outro, vindo de um ou outro lado, e sem se perceber como é que entrou".

Nisto o autor foi extraordinariamente feliz — o leitor é enredado de tal forma, por um encanto inexplicável — que não pode deslocar a atenção da suave tristeza do personagem, nem de sua trajetória fantasmagórica, ainda que advertido desde o início da inconsistência de Ricardo Reis como uma possibilidade do real. Segue-lhe freneticamente os passos, e envolve-se com seus amores e com as visitas do outro fantasma — Fernando Pessoa. Mas a todo momento, a certeza remota do jogo com um mito dá ao leitor a sensação de que o tapete lógico que é a narrativa vai ser puxado de sob seus pés e toda a construção fictícia de Saramago e, mais grave ainda, a relação de intimidade que a leitura estabelece com a construção, vão se esboroar. É este o paradoxo: a tensão criada por uma narrativa crível e verossímil com a clara noção de que o que a preside é o nada, incomoda-nos.

Como leitores, temos a plena consciência de que a ficção assenta sobre um real magicamente distorcido.

No entanto todo o romance provoca no leitor a necessidade do amparo psicológico do real, e acaba, ele mesmo, por suas próprias leis, criando um real possível. No caso de "O Ano da Morte de Ricardo Reis" isto não se dá em termos de fruição, porque, se de um lado, a narrativa se desenrola perfeitamente linear e verossímil, de outro lado, há a lucidez do leitor a espicaçar a sua ilusão, advertindo-o: Ricardo Reis nunca existiu. Poderíamos talvez acrescentar: tampouco existiram Madame Bovary, ou o Adriano de M. Youcenar. Mas

nestes casos o pacto com a ficção se constrói dentro do livro, a partir da primeira e até a última página. Ricardo Reis, ao contrário, supõe um pacto com a simulação e ele preexiste ao livro. Tal é a confusão que se estabelece na consciência do leitor. O terreno em que se movimenta é neste caso, traiçoeiro e movediço. A empatia com o personagem e com a própria história começa a soar estranha e até inadmissível e mesmo assim, seguimos e apreciamos o texto. Talvez porque o painel histórico em que se inscreve Ricardo Reis esteja tão vividamente documentado; concorre também, para o prazer do leitor, a linguagem, magistralmente manipulada pelo narrador e em sentido oposto, no sentido do próprio paradoxo, a "inexistência real" de Ricardo Reis.

Reforça a sensação da não-existência real do protagonista, o aparecimento em várias ocasiões, do personagem Fernando Pessoa, como fantasma. "Causou dolorosa impressão nos círculos intelectuais a morte inesperada de Fernando Pessoa, o poeta do Orfeu, espírito admirável que cultivava não só a poesia em moldes originais mas também a crítica inteligente, morreu anteontem em silêncio, como sempre viveu (...)."

Esta notícia de jornal, lida por Ricardo Reis, recém-chegado a Lisboa, é o ponto de partida para uma série de encontros entre os personagens; p. 79 "sentado no sofá estava um homem, reconheceu-o imediatamente apesar de não o ver há tantos anos, e não pensou que fosse acontecimento irregular estar ali à sua espera Fernando Pessoa".

A instauração do fantástico faz-se, desse modo, pela transgressão à lei da morte. Mais adiante Fernando Pessoa explicará a Ricardo Reis que, por uma questão de equilíbrio, assim como os que vão nascer são lembrados por nove meses, os mortos levam outro tanto para serem esquecidos. Por isso, ele, morto, dispõe de ainda oito meses para "circular à vontade". Do primeiro encontro fica a frase que se pode atribuir seja a Ricardo Reis, seja a Fernando Pessoa: "Nenhum de nós é verdadeiramente vivo nem verdadeiramente morto", que nós dá a chave do processo de transfiguração do real (simulado) neste romance. A partir do primeiro encontro, as entrevistas dos dois personagens repetem-se, contraponteando outras entrevistas, as amorosas, entre a criada Lídia e Ricardo Reis.

O confronto cultural desses dois personagens, permite ao autor dispor de Lídia como uma peça ativa no jogo das relações humanas aí estabelecido. Lídia representa a beleza sem apuro, a força, a disposição para o trabalho e sobretudo a mentalidade despojada do povo. Em Ricardo Reis, a figura de Lídia soa evocativamente, como a musa das odes. Trata-se,

evidentemente de mais um lance do jogo de ironias de Saramago.

A plácida musa, que nos poemas, recebe didaticamente lições da sabedoria estóico-epicurista de Ricardo Reis, entra quarto adentro com disposições bem práticas. E acaba por transmitir ao poeta reflexos muito nítidos do mundo de fora do quarto.

É Lídia quem melhor ilustra o propósito de Saramago, declarado na aludida entrevista: "A minha intenção foi confrontar Ricardo Reis e a sua poesia com um tempo e uma realidade cultural que de fato não tem nada a ver com ele". Que melhor elemento de confronto que essa anti-musa, mulher do povo, irmã de marinheiro comunista, grávida sem pretensões ao casamento com o "Doutor" responsável pela gravidez? Simples, sem ser humilde, e sábia, sem ser letrada, Lídia responde pelos laços da realidade que tenuemente prendem Ricardo Reis ao mundo.

As notícias de jornais, que Saramago colecionou com paciência de historiador escrupuloso, são outro elemento de imposição do real. Um real datado, que não deixa dúvida quanto à confrontação "com um tempo e com uma realidade cultural". Outros personagens reforçam a proposta, e deles já se falou. Parece-nos também claro que o lado irreal é protagonizado pelas interferências fantasmagóricas de Fernando Pessoa. No final do texto, configurando a coexistência do fantástico e do real, Fernando Pessoa vem em busca de Ricardo Reis para a última viagem, p. 415. "Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera". Esta frase, que encerra a narrativa, permite intertextualidades com Camões e Fernando Pessoa e tem a marca das reflexões filosóficas dos dois grandes poetas. Não é apenas um corpo que se vai; é todo um sonho "das eras, português" e um aceno da sebastiânica "Hora", que deve ser compreendido para além das dimensões do heterônimo Ricardo Reis, em um quadro de uma "não-partida" e de uma interrogação confessada por José Saramago a respeito do conteúdo de seus livros: é o querer descobrir "quem sou eu, quem somos nós e eu como parte de nós".

O personagem do personagem de Fernando Pessoa parece ser para seu novo autor, José Saramago, um anseio de auto-conhecimento, e mais do que isto, por ser duplamente literário, acaba tornando o fantástico tão denso, que o faz real.

21.09.85

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SARAMAGO, José. **O Ano da morte de Ricardo Reis**, 3.ª ed. Editorial Caminho, Lisboa, 19984, 415 p.